

O MERCADO DA CERVEJA EM FOCO

BOLETIM AGOSTO 2018



CERVBRASIL

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA DA CERVEJA

Entrevista: ADRIANO PITOLI
sócio-diretor da consultoria
econômica Tendências

"Nosso desafio está dividido em duas questões: quando voltaremos ao patamar antes da crise econômica e, a partir de então, o que faremos para acelerar o crescimento"

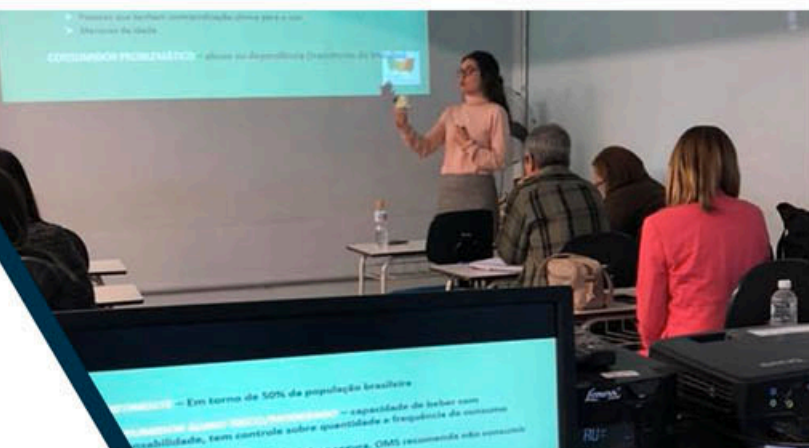


ChoppUp usa tecnologia para servir até 12 chopos por minuto com controle via aplicativo



CIDADE RESPONSÁVEL

Projeto Cidade Responsável capacita agentes em Diadema, Mauá, Santo André e São José do Rio Preto



Instituto Americano faz estudo para analisar efeito do álcool em adolescentes



Entrevista: ADRIANO PITOLI

“Nosso desafio está dividido em duas questões: quando voltaremos ao patamar antes da crise econômica e, a partir de então, o que faremos para acelerar o crescimento”

“O Boletim CervBrasil entrevistou o sócio-diretor da consultoria econômica Tendências, Adriano Pitoli, para falar sobre a recuperação econômica do país e seus dificuldades de uma retomada mais acelerada. Em um bate-papo com o diretor executivo da CervBrasil, Paulo Petroni, Pitoli analisa o que avançou no Brasil nestes últimos dois anos e o que falta ser feito para que o País volte aos trilhos, bem como ganhe competitividade e produtividade.

PAULO PETRONI - Você poderia fazer um resumo das atividades da Tendências?

ADRIANO PITOLI - O papel de uma consultoria econômica no Brasil mudou drasticamente nas últimas décadas e certamente vai continuar mudando muito nos próximos anos. Até antes do Plano Real, a assessoria econômica era a atividade de um grupo de economistas que tentava prever a inflação do mês seguinte. E isso numa época que a inflação era muito alta. Apesar das incertezas que ainda temos, o horizonte foi se ampliando ao longo do tempo, o olhar saiu do curto prazo e caminhou para o longo prazo. O mercado financeiro se reestruturou, se enxugou, bem ou mal conseguimos alcançar uma maior estabilidade macroeconômica. Hoje não há tantos sobressaltos de inflação, nem na taxa de juros, nem na taxa de câmbio, não discutimos mais oscilações de 50% para cima ou para baixo, em algum grau, a incerteza na economia diminuiu durante esses anos, felizmente.

PAULO PETRONI - E isso impactou no trabalho de consultoria econômica?

ADRIANO PITOLI - Sim, com isso o trabalho de consultoria econômica hoje está focado menos no curto prazo e mais no médio prazo. Um trabalho focado mais para empresa não financeiras do que para bancos; A consultoria econômica hoje ajuda empresas não financeiras nos processos de orçamento, no planejamento estratégico, nos processos de decisão. Outros componentes da economia brasileira ainda estão presentes e ainda pautam a consultoria, ainda temos uma economia fortemente afetada por contenciosos em relação ao governo, à Receita Federal, à CVM, à agências reguladoras, então isso move muito a atividade da consultoria econômica atualmente.





Paulo — Como a economia brasileira evoluiu nesses anos?

PITOLI - De certo modo a economia brasileira se desenvolveu, mas nos últimos dez anos as distorções aumentaram, o que gerou uma carga muito grande de contenciosos. Hoje nossa economia tem muita coisa fora do lugar, muita coisa para ser consertada, e essas oscilações deixaram um rastro de desequilíbrio financeiro de empresas, aconteceu muito quebra de contrato, dificuldade das empresas de honrar contratos. Um processo relativamente novo que ganha força no país é o de arbitragem, é um meio de desafogar a justiça, e fazer com que as empresas resolvam seus contenciosos, no tempo econômico, e não no tempo da justiça, o que nós da Tendências também temos trabalhado.

Paulo - Estamos saindo de uma recessão bastante dolorosa, como você está vendo a saída do país da recessão nesse primeiro trimestre?

PITOLI - De fato esse início de 2018 tem decepcionado, a economia estava mostrando uma melhora principalmente ao longo do segundo semestre de ano passado. Uma série de indicadores mostra que a economia perdeu um pouco de tração nesse processo de retomada. Isso é um fato. Claro que podemos apontar uma série de fatores: foi feito muito estrago na economia, foi feita muita desordem, empresas e famílias estão endividadadas, seria um rol de justificativas para explicar esta lenta retomada. Mas o fato é que tivemos uma crise muito dura, a gente sai muito machucado dela, e a cada saída de crise temos um processo de melhora e é justamente isso que está demorando a acontecer.

Paulo — Como você analisa este processo?

PITOLI - O país conseguiu estabelecer uma série de pré-condições para que saísse da crise. A principal delas foi o controle da inflação, juros e câmbio. Bem ou mal a gente assistiu nesses dois anos um processo de normalização da gestão macro econômica. O que realmente abriu uma margem que poderia justificar um processo de retomada mais rápido. No histórico de ações do governo notamos que ele consegue controlar a inflação, consegue reduzir taxas de juros SELIC. Apesar da queda de taxa SELIC muito mais acentuada do que nos outros períodos de retomada, o efeito sobre a atividade econômica até aqui tem sido muito modesto. De fato a economia como um todo vem melhorando, o fundo do poço ficou pra trás e a gente está num processo de recuperação, não resta dúvida. A discussão é por que está sendo tão atabalhado, tão difícil e tão lento?

Entrevista: ADRIANO PITOLI

Paulo - Falta de confiança? Baixa produtividade? O que está pegando?

PITOLI - A gente precisa separar a discussão em duas perguntas: quando voltaremos para o ponto em que estávamos antes da crise, ou seja para o patamar que estávamos em 2014? A outra questão é: se conseguirmos voltar para este patamar — o que de acordo com a Tendências pode acontecer em meados de 2021 - o que faremos para manter um crescimento mais acelerado?

Paulo — Gostaria de sua análise sobre a falta de crédito?

PITOLI - As famílias estão passando por um processo de desalavancagem financeira, da mesma forma as instituições financeiras, desde meados de 2013, então já antes que a crise se completa em 2015, as famílias estavam assumindo uma postura mais conservadoras com relação a crédito, quando veio a crise o juro subiu, o crédito sumiu, o que trouxe dificuldade financeira para as famílias. Mas vemos hoje um panorama de melhora de oferta de crédito, o que permitiria uma volta do crédito financiando para o consumo. Isso está acontecendo, o consumo tem sido estimulado por uma retomada de crédito, e a compra de bens duráveis como automóveis, por isso eu diria que esta não é a questão fundamental. Eu diria que falta um componente de confiança de fato, as famílias alcançaram o financiamento do automóvel, mas ainda estão muito reticentes para o financiamento imobiliário. Na Tendências o cenário que a gente tem é de um crescimento de médio prazo, de 3% ao longo dos próximos dez anos, se compararmos com os últimos cinco anos, não parece tão ruim, mas é pouco, é muito pouco.

Paulo — Considero preocupantes os 3% por que temos a questão do bônus demográfico, o envelhecimento da população, para não chegarmos em 2030 como uma nação de velhos pobres. Como a gente faz para acelerar este crescimento de longo prazo?

PITOLI — O bônus demográfico está terminando já, ele chega até 2020. A verdade é que a partir de 2020 teremos um ônus demográfico, às portas do ônus demográfico, a população em idade de aposentadoria. A população em idade de aposentadoria, acima de 65 anos cresce 4,5% ao ano. A população em idade de trabalho cresce 1,1% ao ano. Então como resolvemos isso? Questões demográficas são tendências de longo prazo, a gente só tem um caminho, que é o de preservar o crescimento de 3% no mínimo, com um contingente de mão de obra cada vez crescendo menos e a diferença temos de fechar com crescimento de produtividade.



Entrevista: ADRIANO PITOLI



Paulo - Como fazemos para aumentar produtividade do país?

PITOLI - A produtividade é uma questão mais complexa, ela é por definição multifacetada. Produtividade é fazer mais com menos recursos. Como se diz na literatura econômica, para você ter produtividade você tem que destruir uma coisa para colocar outra melhor no lugar. Isso é difícil por que você mexe com interesses, você provoca desemprego no curto prazo, você elege perdedores. Vou dar exemplo de uma medida de nosso dia a dia: ainda temos a figura do frentista de posto, mas se a gente for para um país mais desenvolvido, o próprio consumidor abastece seu carro. É um sistema muito mais eficiente, a gente criou uma lei para proteger o emprego dos frentistas, do ponto de vista de curtíssimo prazo parece algo nobre, mas a solução está em justamente em criar para ele uma atividade mais produtiva. O desafio está na requalificação de trabalhadores cuja ocupação está sendo substituída por questões tecnológicas

Paulo - você tocou num ponto importante. Não só o Brasil, mas o mundo inteiro está vivendo uma época de inovações tecnológicas. Por isso coloco o fator inovação em questão, como podemos apostar na inovação para quebrar paradigmas e dar asas à produtividade?

PITOLI — Precisa mexer nas instituições, algo que precisa entrar em pauta. Nós conseguimos mudanças no ambiente empresarial. Temos uma tradição pelo empreendedorismo, o que um traço positivo para nós, a gente precisa criar instituições para estimular este tipo de situação. Temos o que chamamos de externalidades positivas, pois um centro de pesquisa vai irradiar conhecimento, e via multiplicar a inovação, e o retorno vai muito além do que foi investido. O retorno social será muito maior que o retorno privado. O governo tem um papel fundamental. Não dá para esperar que as empresas forneçam todos os incentivos para a inovação. Isso não quer dizer que a ação tem que ser estatal, mas temos que ter desenhos institucionais que o governo seja indutor do setor privado.

Paulo - E as universidades?

PITOLI - Em qualquer país desenvolvido a universidade está no cerne da inovação do desenvolvimento tecnológico. Só que no Brasil, as instituições possuem uma cultura estatal, de que a máquina está voltada para o estado e não para a sociedade, infelizmente, por isso que temos de promover um choque nas universidades. Temos de combater o ranço de que universidades não podem ter parcerias com empresas, mas é necessário ter um processo transparente, aberto, as universidades tem que ganhar royalties, tem que ter o direito de propriedade na universidade e não no produtor que está lá dentro. Toda grande universidade do mundo possui centenas de incubadoras de empresas e startups, e logicamente o Vale do Silício é o maior exemplo disso. E temos vários outros exemplos não só nos Estados Unidos, mas na Coreia do Sul e na Alemanha. Então em resumo: temos de abrir a economia, retomar as privatizações e concessões, melhorar o sistema tributário, e promover esta parceria entre universidades e centros de pesquisa com a iniciativa privada.

Paulo - Um parte fundamental da agenda da CervBrasil em 2018 é a InovaCerv, que investe na busca de soluções que promovam o aumento de produtividades da cadeia produtiva cervejeira, que chamamos de “do campo ao copo”.

PITOLI - Estamos fazendo o pré-lançamento de um serviço, que se chama Machina Tendência, uma plataforma digital para colocarmos uma série de ferramentas quantitativas, se série econômicas, como trabalhamos com milhares de séries econômicas, estatísticas, esse trabalho é uma forma de dar uma interface para quem não conhece a fundo todas essas estatísticas. É uma ferramenta que propicia um uso ágil, online, de alta confiabilidade, a um amplo conjunto de série estatísticas, que faz gráficos, interação entre série, análise das séries. De dois a três minutos se consegue uma base de dados do IPCA por exemplo, com fórmulas de séries com ajuste sazonal. Investimos três anos e meio no desenvolvimento deste processo. É um serviço de inovação que engloba conveniência, confiabilidade, e uma série de ferramentas acessórias que podem ser acessadas por qualquer um para tomar decisões, eu não preciso ser um especialista para manuseá-las. A gente acredita que direcionada para as empresas, A Tendência Machina é uma ferramenta que ajuda na produtividade.

“Se fosse uma empresa, o Estado brasileiro abriria falência”

Para Nathan Blanche, sócio fundador da Tendências, em depoimento exclusivo ao Boletim CervBrasil, ainda é preciso promover um forte enxugamento da máquina administrativa. “A recuperação financeira do Estado brasileiro é muito difícil. Nós não temos nem capital nem crescimento sustentável. A poupança financeira do Brasil é de 15% do PIB. O estado brasileiro fica com 72% vai para financiar a dívida pública, portanto com os 28% restantes não deixam oxigênio para a economia. Não tem como sair desta questão sem diminuir o tamanho do Estado. Se o Estado hoje fosse uma empresa, ela abriria falência. Felizmente a inflação alta foi superada com a ação forte do Banco Central. Porém do lado fiscal, houve um sufocamento da iniciativa privada.

Nathan Blanche,
sócio fundador
da Tendências





ChoppUp usa tecnologia para servir até 12 chopes por minuto com controle via aplicativo

Entre pai e filho a tecnologia ChoppUP nasceu em 2012. Rodrigo Moreira observou conceitos similares nos Estados Unidos e Japão, e junto com seu pai, Djalma Moreira, desenvolveram e patentearam a tecnologia da chopeira eletrônica que tira o chope de baixo para cima, por meio de uma válvula instalada no copo. O controle via computador e aplicativo permite que o comerciante controle volume, temperatura, colarinho e a quantidade de chopes vendidos na noite. O Boletim CervBrasil foi conhecer a ChoppUP na hamburgueria Sliders, localizada no bairro dos Jardins, em São Paulo.

“Não deve ser atrativo apenas aos olhos, quem opta por alugar uma ChoppUP consegue ter economia. Em períodos de máximo pico, quem opera com a ChoppUP vai ter a mesma produtividade do que seis pessoas operando seis torneiras comuns. Você programa o volume do copo e do colarinho e a ChoppUP repete. Tudo programado eletronicamente e conectado à internet. A gente, hoje, adapta a nossa válvula ChoppUP no fundo de praticamente qualquer copo. Opere em momentos de pico sem que haja desperdício na manipulação. Pelo aplicativo ou pelo computador você tem, mesmo à distância, o controle de quantos chopes saíram em seus empreendimentos.” afirma o sócio do empreendimento Gil Cajado de Oliveira.

O modelo de negócios foi concebido de forma a maximizar a percepção e entrega de valor do cliente. “O cliente que aluga a ChoppUP recebe muito mais do que uma chopeira que enche por baixo, mas todo um novo conceito de tecnologia e serviços que otimizam a performance e o controle do chopp no ponto de venda — e os benefícios obtidos são muito maiores do que o valor da mensalidade que ele paga por ela. Ainda somos uma startup.

Hoje já temos cerca de 12% do equity da empresa vendido para investidores — e faremos mais rodadas de investimento neste ano para assegurar o crescimento compassado com a demanda.



Os representantes da ChoppUp e Sliders com Paulo Petroni

Por conta disso, trazemos um ar profissional ao negócio desde sua origem. Todas as diretrizes do negócio são definidas com metas a serem cumpridas e garantias de retorno de lucratividade.”, afirma Bruno Salman, CFO da ChoppUp.

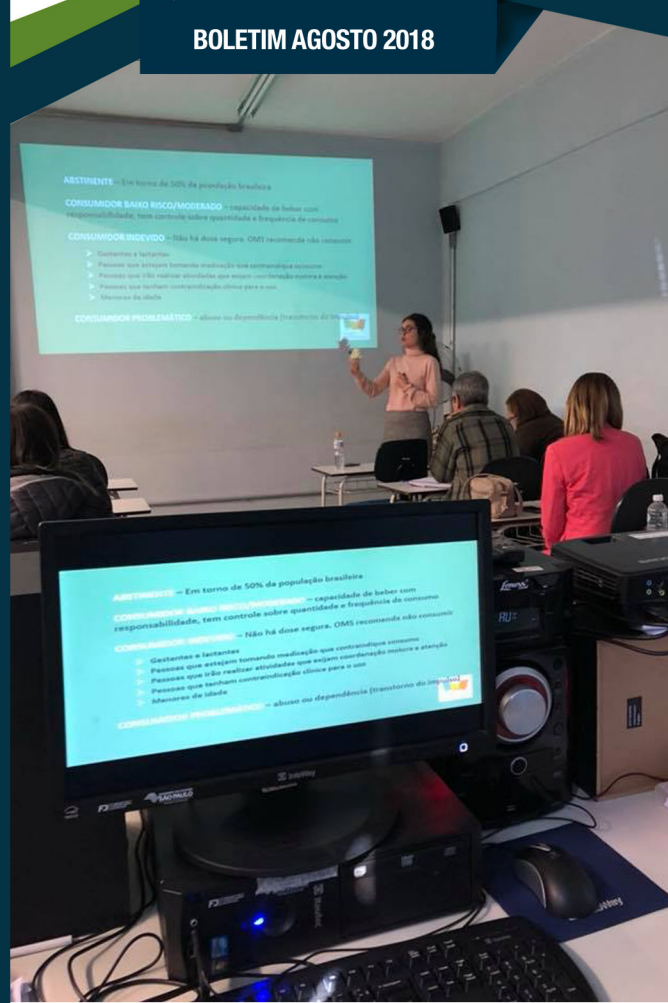
E quanto aos hambúrgueres? “Conhecemos uma hamburgueria em Nova Jersey que funciona há 50 anos e fica num lugar de apenas 40 metros quadrados. Ficamos ali meia hora, e notamos que eles venderem 70 lanches. Decidimos trazer o conceito para o Brasil, é um hambúrguer de apenas quatro ingredientes, pão, carne, queijo e cebola, e tem que fazer a combinação perfeita. Esse é nosso segredo principal”, afirma Bruno Jacob, sócio da Sliders. Seu parceiro na sociedade, Pedro Facchini, conta a experiência com o ChoppUP. “Para acompanhar, colocamos uma ChoppUp servindo um chope larger e um IPA. O sucesso foi instantâneo”, afirma.



CIDADE RESPONSÁVEL

Projeto Cidade Responsável capacita agentes em Diadema, Mauá, Santo André e São José do Rio Preto

O Projeto Cidade Responsável realizou, nos meses de maio e junho, uma série de capacitações nas Diretorias de Ensino de Diadema, Mauá, Santo André e São José do Rio Preto (SP), como parte da parceria que estabeleceu com a Secretaria Estadual de Educação. Durante o mês de agosto serão realizadas as capacitações nas Diretorias de Americana e São Bernardo do Campo. A meta da parceria é capacitar professores e oferecer materiais pedagógicos para a conscientização do não consumo de álcool por menores de 18 anos em seis Diretorias Regionais de educação do Estado De São Paulo: Americana, São Bernardo do Campo, Santo André, Mauá, Diadema e São José do Rio Preto. Ao todo serão envolvidas 300 escolas estaduais, presentes em 24 municípios. O Projeto Cidade Responsável é uma iniciativa da CervBrasil e tem sido aplicado desde 2014, passando pelos municípios de Fernandópolis (SP), São Bernardo do Campo (SP) e Americana (SP). Durante este período, o projeto já capacitou mais de 4 mil pessoas, entre profissionais dos setores que formam seus pilares de atuação: Educação; Saúde; Compra e Consumo; Comunidade, Parcerias e Comunicação.



CERVECEROS LATINOAMERICANOS

Instituto Americano faz estudo para analisar efeito do álcool em adolescentes

O Instituto Nacional do Álcool dos Estados Unidos (NIAAA) apoia um estudo de nível nacional de mais de 800 pessoas com o objetivo de determinar o efeito e o poder do consumo de álcool no cérebro de um adolescente em desenvolvimento. O objetivo é identificar as características cerebrais que podem indicar transtornos com o uso do álcool na fase adulta. Recentemente, uma investigação deste projeto encontrou indicativos de falhas no desenvolvimento cerebral entre menores de 18 anos que iniciaram o consumo de álcool durante a adolescência. O estudo analisa o desenvolvimento dos circuitos cerebrais relacionados com a cognição e a mudança emocional nos adolescentes e faz a comparação entre a abstinência e o controle do álcool. Estima-se que este efeito pode impedir a realização de condutas sociais e emocionais complexas. O NIAAA pretende ajudar os profissionais de saúde a identificar os adolescentes com diferentes tipos de problemas relacionados com o álcool. Esta recomendação surgiu de um estudo financiado pelo NIAAA em 2016.

Fuente: NIAAA Spectrum, Volume 10, Edição 2, Primavera de 2018.
 Gerardo Tálamo, PhD - Mayo 30, 2018

